

Pelos currais, praças, teatros, ruas e clubes de Belém do Pará: as animações da quadra junina nos anos de 1950

Through the corrals, squares, theaters, streets, and clubs of Belém do Pará: the entertainment of the June season in the 1950s

Elielton Gomes

Doutorando em História Social da Amazônia

Universidade Federal do Pará (UFPA)

elieltonbcgomes@gmail.com

Recebido: 12/01/2024

Aprovado: 18/07/2024

Resumo: O objetivo desse artigo é investigar as animações da quadra junina, em Belém do Pará, nos anos de 1950. Esses festejos ganharam destaques nas páginas de livros, jornais e revistas que circulavam em Belém no período em questão, onde era possível encontrar notícias que versavam sobre esse momento festivo. As festas juninas, de grande importância para parcela significativa da sociedade belenense, contavam com a participação de diversos conjuntos musicais, grupos juninos e de aparelhos sonoros animando esses eventos realizados em diversos espaços do subúrbio e do centro da cidade. Essa investigação contou, principalmente, com o auxílio de fontes disponíveis nos jornais A Província do Pará, O Liberal, O Estado do Pará e Folha Vespertina publicados na década de 1950, podendo ser identificadas também algumas informações disponíveis em livros de memórias que versam sobre o tema em questão.

Palavras-chave: Belém do Pará; Imprensa; Festas Juninas.

Abstract: The objective of this article is to investigate the June festivities, in Belém do Pará, in the 1950s. These festivities were highlighted in the pages of books, newspapers, and magazines circulated in Belém during the period in question, where it was possible to find news that dealt with this festive moment. The June festivities, of great importance for a significant portion of Belenense society, included the participation of various musical ensembles, June groups, and sound equipment animating these events held in multiple spaces in the suburbs and the city center. This investigation relied mainly on the help of sources available in the newspapers A Província do Pará, O Liberal, O Estado do Pará, and Folha Vespertina published in the 1950s, and some information available in memoirs that version of the topic in question.

Keywords: Belém do Pará; Press; June festivities.

Introdução.

O presente artigo é resultado de estudos e reflexões teóricas associadas às pesquisas sobre as expressões da cultura popular e da cultura de massa na capital paraense em meados do século XX⁵, onde um levantamento de fontes, sobretudo jornalísticas⁶, se deu entre os anos de 2010 e 2015, compondo, portanto, produções acadêmicas (TCC⁷ e Dissertação⁸) frutos dessas investigações e análises. Diferente dos objetivos das produções já indicadas, o texto em questão busca averiguar as práticas de lazer e sociabilidades de parcela dos moradores de Belém do Pará, como, por exemplo, as animações da quadra junina nos anos de 1950, percebendo essas experiências enquanto ações importantíssimas no processo de expansão das opções de divertimentos naquela capital.

A priori, as festas juninas são apresentadas a partir da perspectiva histórico-antropológica, tendo em vista percebe-las enquanto expressões culturais do povo brasileiro, indicando as mudanças e

⁵ Projeto de pesquisa coordenado pelo professor doutor Antonio Maurício Dias da Costa, entre os anos de 2010 e 2012, e intitulado de “Expressões da Cultura de Massa e da Cultura Popular em Belém na segunda metade do século XX” que tinha como objetivo levantar dados para a compreensão da relação entre a cultura de massa, sobretudo, radiofônica e bailes dançantes populares em Belém a partir da década de 1950.

⁶ Os periódicos utilizados nesse artigo encontram-se disponíveis, para consultas públicas, nos arquivos (hemeroteca e microfilmagem) da Biblioteca Pública Arthur Vianna, localizada em Belém do Pará. Na elaboração desse texto, foram analisados os seguintes jornais: **O Liberal**, **A Província do Pará**, **O Estado do Pará** e o **Folha Vespertina**, todos dos anos de 1950, além de alguns livros de memória que tratam do tema aqui exposto. Esses materiais são aqui utilizados enquanto representações sociais acerca das práticas de lazer e sociabilidades, bem como um artefato corriqueiro sobre a vida cotidiana, associadas ao momento festivo conhecido como “quadra junina”, em Belém do Pará, no período estudado. Embora sejam analisados e utilizados quatro periódicos, percebe-se, ao longo do texto, uma concentração em dois desses jornais (**A Província do Pará** e **O Liberal**) que apresentavam, com mais intensidade, essas vivências socioculturais ao longo da cidade. No entanto, embora os demais jornais apareçam com menos frequência ao decorrer da narrativa, revelando, mesmo que indiretamente, a pouca atenção dada, em suas páginas, aos festejos populares naquele momento, é de suma importância apresentá-los, visando indicar as formas que os funcionários daquelas gazetas, quando abordavam, representavam aqueles momentos de lazer.

⁷ O estudo, intitulado de “A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém dos anos 1950: “tradição interiorana” e espaço urbano”, abordou o processo de espacialização da quadra junina em Belém em meados do século XX.

⁸ Dissertação de mestrado intitulada “Adeus Maio! Salve Junho! narrativas e representações dos festejos juninos em Belém do Pará nos anos de 1950”, defendida em janeiro de 2016 pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (PPHIST/UFPA). A pesquisa em questão buscou analisar as narrativas e representações dos festejos juninos, na capital paraense, nos anos de 1950, frente os discursos de jornalistas e intelectuais que escreviam sobre essas experiências festivas na imprensa local do período.

permaneças, bem como as peculiaridades, sobretudo daquelas experimentadas em Belém do Pará no recorte temporal proposto. Em seguida, trata-se das representações dessas práticas culturais nas páginas de jornais e livros de memórias que circularam na cidade, especialmente no anos de 1950. Isso nos permite perceber os múltiplos olhares, principalmente daqueles que na imprensa local atuavam, acerca desses momentos e lazer e sociabilidades de parcela significativa dos habitantes da capital paraense. Por fim, é dado destaque as animações das festas juninas na *urbe* (Cordões de pássaros e bichos, Boi Bumbá, Jazzes Orquestras e Sonoros), associadas ao processo de expansão das opções de divertimento naquela paragem da Amazônia.

No mês de junho é possível ouvir ritmos e gêneros musicais, em diversos bairros da capital paraense, que lembram as festas juninas, seja por meio de rádios, “carros de som”, televisões, ou mesmo através de músicas cantadas, com muita energia, por quadrilheiros, bumbás, grupos de pássaros e bichos e parafolclóricos regionais. Pelo menos desde a segunda metade do século passado essas características, que remetem ao modelo das festas juninas da cidade, estão presentes no cotidiano festivo da população local.

De grande expressão no Nordeste brasileiro, as festas juninas, em Belém do Pará, Norte do Brasil, têm sua importância e singularidades. Nelas, principalmente na metade do século XX, pode-se observar uma pluralidade na forma de festejar e viver esse momento de lazer e sociabilidade no meio urbano. As páginas de jornais e revistas que circulavam na cidade, nos anos de 1950, são um dos meios pelos quais podemos alcançar informações valiosas acerca dessa prática festiva que, por anos, agracia parcela significativa da sociedade belenense. É, de fato, importante salientar que a visão sobre os acontecimentos presentes na imprensa local é entendida aqui como parcial, na qual se pode identificar os pontos de vistas sociais, econômicos, políticos e culturais daqueles que escreviam nas páginas de jornais e revistas da época.

Por diversas vezes, ao entrar em contato com recortes documentais do período, pôde-se perceber o romantismo acentuado com o qual, redatores da imprensa paraense, descreviam os eventos juninos que ocorriam ou estavam para acontecer na cidade. O saudosismo, geralmente, imperava por entre os demais sentimentos que tais jornalistas e cronistas expressavam em seus textos quando se referiam à quadra junina. Termos como “Época mais feliz”, “Noite de Ilusões”, “Quadra buliçosa”, “Noites de doces ternuras”, entre outros, poderiam aparecer, quase que frequentemente, em artigos, notas e/ou convites sobre as festas juninas, em Belém do Pará, de meados do século XX.

Não se limitando aos espaços das gazetas locais, esse sentimento nostálgico poderia também ser observado na estrutura simbólica da festa e no linguajar daqueles que dela, assumindo papéis e funções diversos, participavam. Nesse sentido, os sujeitos que trabalhavam na imprensa paraense, de maneira consciente ou não, adquiriam, frente à sociedade belenense, uma posição, de mediador cultural, na qual, diante de seus discursos, influenciavam o modo de viver a festa na cidade.

É importante destacar que a caracterização, bem como a reprodução de um suposto comportamento e fala do homem interiorano, nas festas juninas, presentes até os dias de hoje, em muitas localidades do Brasil, como indica Luciana Chianca, “representava de modo exemplar os paradoxos das duas imagens mais recorrentes do sertão: por um lado, ela exaltava certa nostalgia, enquanto, por outro, insistia sobre a “formulação humorística dos estereótipos rurais”” (CHIANCA, 2006, p. 50).

Embora se referindo às experiências festivas do mês de junho, no Nordeste brasileiro, esses elementos, problematizados pela autora, podem também serem percebidos no festejar a quadra a junina em Belém de meados do século passado. Segundo nota jornalística de junho de 1958, presente no jornal *A Província do Pará*, práticas comumente apontadas como representativas do mundo rural, durante as festas juninas da cidade, eram descritas e, direta ou indiretamente, incentivadas aos leitores da época.

A animação é enorme entorno de fogueira crepitantes onde as famílias vão dilatando o círculo de parentes. (...) A cidade, desde ontem apresenta aspecto diferente dos dias comuns, com moças e rapazes vestidos de chitão e capelas de samambaias à cabeça, andando pelas ruas (...) (*A PROVÍNCIA DO PARÁ*, 24/06/1958, p. 5).

A representação do homem do campo, nas festas juninas da cidade, revelava uma tentativa de, não só os brincantes como todos os que por detrás da festa se encontravam, representar a cultura do rural em um espaço que vivenciava acentuado processo de urbanização e modernização, apresentando, nesse contexto, uma enorme e estereotipada comparação: o campo, enquanto sinônimo de atraso, e a cidade, enquanto sinônimo de progresso. Diante disso, Enid Yatsuda (1987) observa que o homem do campo era o entrave para que um país subdesenvolvido torne-se desenvolvido, como ingenuamente acreditam alguns, embora, nos discursos daqueles que escreviam na imprensa local, se faça presente a ideia de busca da permanência daquilo que não gostariam de perder como, por exemplo, os costumes desses que viviam no meio rural.

Festa Junina em Belém do Pará nos anos de 1950.

Dois de junho de 1951. No jornal A Província do Pará, na seção "VIDA SOCIAL" da página 5, está impressa a manchete: "Mês das fogueiras". A matéria que chegava até o leitor era um alerta à sociedade de que o “junho barulhento, cheio de novidades e foguetinhos” havia chegado. As comemorações da “ruidosa quadra joanina” recomeçaram, o que, por certo, despertaria a alegria de parcela da sociedade local e daria “vida e encanto” aos bairros suburbanos e centrais da capital paraense.

Em noites de festejos em homenagem aos santos juninos, por diversas localidades de Belém do Pará, os dizeres “Santo Antônio disse... São João confirmou... Que Jesus Cristo mandou... Que você será minha noiva”, ecoou diversas vezes sobre as fogueiras construídas, quase sempre, de “tabuas velhas, galhos de mangueiras e até pedaços de estacas, furtadas certamente dos quintais vizinhos pela garotada levada da bréca...” (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 13/06/1957, p. 6).

Isso também pode ser observado no livro “Histórias do meu subúrbio: crônicas humorísticas” de Lindolfo Mesquita (1941), também conhecido como Zé Vicente. Neste livro, o autor tenta aproximar o leitor de algumas histórias vividas ou ouvidas, pelo mesmo, nos subúrbios da capital paraense na primeira metade do século XX.

Sobre as práticas populares, na época junina, Zé Vicente aborda um dos principais momentos vividos especialmente pelos jovens das margens de Belém: o “pular” a fogueira. Com o título "Passando Fogueira", o autor descreve, quiçá, o início de um relacionamento entre um casal de jovens de um bairro pobre de Belém, relacionamento esse que a mãe da menina, obviamente, não aceitaria bem e que, provavelmente, terminaria com o casamento dos amantes no cartório e na igreja.

Quando a fogueira estava mais baixa, a Nonóca convidou:

- Vamo agora passá de primo?

O Belmiro deixou o chapéu na cadeira, repuxou mais os cós das calças, apertou o cinturão noutra buraco, e saíu para o meio da rua.

A meninada corria de um lado para o outro, atirando brazas para cima, numa gritaria ensurdecedora.

Ahi o Belmiro virou-se para o lado da Nonóca, a vêr se a mãe desta estava observando, e declarou:

- Eu num quero passá de primo.

- De qui é, então, qui tu qués?

- Eu quero passá de marido.

A Nonóca ficou vermelha e observou:

- Mas eu nunca vi se passá fogueira de marido e muié. Eu tenho visto de primo, cumpadre e de mano...
- Isso era antigamente. Agora a gente já tem mais liberdade.
A pequena passou para o outro lado, a mão presa na do Belmiro:
- São João disse e São Pedro confirmou que nós haverá...
Ficou com vergonha de dizer o resto, mas o Belmiro completou;
- Que nós haverá de se casado, que Santo Antônio mandou.
Ao terminar, elle beijou a mão da Nonóca e murmurou:
- Boa noite, minha esposa...
E ella respondeu:
- Boa noite, meu marido.
O Belmiro ficou radiante com aquillo, o coração palpitante mesmo, tanto que não resistiu e puxou a Nonóca, dando-lhe um beijo nos olhos ardentes de fumaça.
Foi nesse momento exacto que a mãe da pequena surgiu na porta, dando de cara com aquelle lindo postal joannino.
A Nonóca não poudede se justificar sem confessar:
- Nós... nós... passemos fogueira de marido com muié, mamãe.
A velha agarrou o Belmiro pelo braço e ameaçou:
- Pois, então àgora você vae vê que qualidade de sogra foi arranjá.
E concluiu:
- Esta noite você casou na fogueira, mas amanhã tem que casá no civir e no catholico, pruguê eu num quero vê adispois os meus netos prijudicado por falta dos papeos que a lei inzige (MESQUITA, 1941, p. 27-28).

Dentro das representações e construções constituídas a partir dos parâmetros intelectuais presentes na imprensa, esse era o encanto do mês que invadia as páginas dos jornais, livros e revistas que circulavam pela cidade, bem como os diversos espaços de festas de Belém do Pará; que afluíam os desejos de homens e mulheres, meninos e meninas, velhos e velhas que praticavam, veementemente, superstições e crenças em busca da felicidade, quase sempre relacionadas ao amor. Um mês de banhos perfumados feitos de cascas e raízes encontradas no coração da Amazônia, trajes caipiras, “casamentos na roça”, danças executadas por jazzes orquestras, conjuntos Pau e Corda e sonoros; bumbás e cordões de pássaros e bichos que embelezavam as praças, bosques, terreiros e clubes em busca do título de melhor do ano, o “mês da felicidade”, cheio de utopias, de sons, sabores, danças e cores.

Esses festejos alcançavam as páginas dos periódicos da cidade nos últimos dias do mês de maio, quando se constatava espaço para anúncios de vendas de tecidos típicos de trajes juninos, de bebidas, de discos com temas “próprios” para o momento festivo e de fogos de artifício, o que era intensificado durante todo o mês seguinte. Alguns jornais e revistas daquela época propagandeavam, em suas páginas, os diversos festejos populares realizados na capital paraense, principalmente aqueles referentes ao Carnaval, aos Festejos Juninos e ao Círio de Nazaré, apresentando ao consumidor um pouco do cotidiano festivo da cidade.

Porém, várias são as atenções a serem seguidas por historiadores que lidam com recortes documentais jornalísticos. Eles podem reproduzir uma versão dominante dos acontecimentos do dia a dia. Ou seja, como sugere Roger Chartier (1991), podem ser entremeados por posicionamento políticos e por influências socioculturais, em que tais discursos tendem a estabelecer uma autoridade e até mesmo legitimar escolhas, pois as representações, nesse caso as jornalísticas, “marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe” (CHARTIER, 1991, p. 183). Assim, vale pontuar que a imprensa é percebida aqui como elemento de divulgação de pontos de vista de literatos e jornalistas e que, portanto, elucubram interesses particulares.

O hábito de celebrar os chamados santos juninos vem, há muito tempo, ganhando espaços consideráveis, principalmente nas cidades. Em Belém do Pará, na década de 1950, essas celebrações estiveram ligadas tanto às questões religiosas – “catolicismo oficial” e “catolicismo popular” – quanto às práticas festivas profanadas, associadas ao entretenimento e, ao mesmo tempo, em diálogo com formas tradicionais e canônicas de religiosidade cristã.

Nesse cenário festivo, geralmente, três santos são aclamados e celebrados, no Brasil, ao longo do mês de junho: Santo Antônio, no dia 13, São João, no dia 24, e São Pedro, no dia 29. Porém, em algumas paragens do país, em especial em Belém do Pará, outro santo se junta aos mencionados antes e completa, finalizando, as homenagens dessa quadra festiva; falo de São Marçal, celebrado no dia 30 de junho.

Sobre as festas de santos, postas em prática na capital paraense e em outras localidades do estado do Pará, Carmem Izabel Rodrigues aponta que:

Herdeiras de *tradições* seculares que consagraram esses santos protetores na capital e nas cidades do interior próximas a Belém, as festas atuais mantêm, por um lado, diversos elementos das festas mais antigas, ao mesmo tempo em que também se transformaram em outras festas, adaptadas à diversidade própria da modernidade urbana presente na cidade de Belém. (RODRIGUES, 2008, p. 224)

Diante disso, fica claro que as festas juninas são, na sua dimensão histórica e social, experiências que, apesar de na década de 1950 representarem um contexto quase totalmente profanado, dialoga, ainda que superficialmente, com o religioso, trazendo “experiência cultural mutante, ligada às diversas esferas da vida social, cuja reprodução está condicionada à multiplicidade de interesses de agentes internos e externos ao evento” (COSTA, 2009, p. 76). Elas – as festas juninas – sejam na Amazônia, ou em outras localidades do Brasil e, até mesmo, fora dele, estavam sujeitas às modificações ou

reinvenções, pois, a cultura popular não era e nem é estática, muito menos, homogênea. Essa tinha e ainda tem como principal característica a heterogeneidade, que é uma consequência direta das relações sociais entre o campo e a cidade, o popular e o erudito. Ou seja, “o povo não é uma unidade culturalmente homogênea, mas está culturalmente estratificado de maneira complexa” (BURKE, 2010, p. 57), pois é impossível apontar onde começa uma esfera e onde termina outra.

Diante disso, pensar a cultura como algo homogêneo é esquecer e desconsiderar os elementos comuns aos grupos que dela usufruem. Esses elementos provêm do processo de hibridização, traduções, intercâmbios e reconstruções culturais que interligam todas as culturas, pois “nenhuma delas é única e pura, todas são híbridas, heterogêneas” (BURKE, 2010, p. 53).

Na capital paraense as festas juninas, assim como outros eventos festivos, aconteciam em diversos ambientes sociais, desde praças públicas até clubes sociais e desportivos espalhados pela cidade, ocupando, nesse caso, diferentes locais “embora as ruas e as calçadas fossem também o lócus da sociabilidade festiva” (CHIANCA, 2006, p. 17). Como composição desses momentos de diversão, eram contratados grupos musicais (as jazzes orquestras e grupos de pau e corda), aparelhos sonoros (picarpes) de grande popularidade na cidade e eram, também, realizados amostras e concursos de boi bumbá e cordões de pássaros e bichos durante todo o mês de junho, alcançando a alegria de parcela dos moradores de Belém do Pará.

As animações dos dias festivos.

Os dois combinaram ir assistir ao ensaio do “Boi Farofeiro”, cujo arraial estava fervilhante.

Mamãe, a senhora deixa eu ir cum o Lixandre vê a cumedia do “boio”?

Era só o qui fartava... Eu num te quero mettida pulos currão desses bichos, não.

- Mas mamãe, lá é tudo direito e tem orde, ninguém se mistura cum gente ordinara.

- Eu posso deixá tu i, mas eu tombem vou.

-Mas pru favo a senhora, condo dé nove hora, não se ponha cum o aperreio de vamo imbora, vamo imbora...

- Tá bão, já chega! Pulo que vejo tú já qué me gunverná, mas quem me mandava já morreu!

A' noite o Alexandre sahiu com a Enedina e mais a mãe desta para o arraial do <Boi Farofeiro> (MESQUITA, 1941, p. 91).

Das expressões populares de grande importância em Belém do Pará, durante as festas juninas, pelo menos desde as primeiras décadas do século passado, temos o boi bumbá e os cordões de pássaros

e bichos. Estas manifestações populares unem diferentes valores culturais as quais são “revestida[s] de representações peculiares na expressão e no enredo, que se moldam à realidade de cada região onde acontece” (DIAS JR, 2009, p. 87).

Sobre a encenação teatral, de caráter popular, conhecida como Boi Bumbá, no estado do Pará, essa busca apresentar a narrativa cômica da morte do boi, para atender os desejos de Mãe Catirina de comer algumas partes do animal, durante sua gravidez. Pai Francisco (Nêgo Chico), esposo de Mãe Catirina, tendo em vista agradar sua mulher, mata o boi, de propriedade do fazendeiro, sendo, em seguida, descoberta a ação pelo dono do mesmo. Uma caçada a Pai Francisco se dá, desvairadamente, pelos “homens” do fazendeiro e por alguns indígenas que conheciam a região, os quais, ligeiramente, localizam Nêgo Chico e logo o levam para a fazenda onde o assassino do boi sofre terríveis castigos físicos.

A partir de então, desenrola-se a empreitada árdua da ressurreição do animal, na qual, em um primeiro momento, Pai Francisco busca auxílio aos doutores da região, onde não encontrara nenhum êxito. Aflito, Nêgo Chico recorre ajuda a um pajé, que, com muito sacrifício, consegue ressuscitar o boi. A ocasião da ressurreição do animal é comemorada com intensa alegria, muita música e dança, em torno do animalesco, por todos que ali estavam, principalmente por Pai Francisco que, nesse momento, se encontra livre de suas punições.

Já os Cordões de Pássaros e Bichos (de onças, peixes, camarão, caranguejos, etc.) são igualmente de origem rural. É um espetáculo de fantasia popular, no qual, segundo Edison Carneiro (1956), busca-se a defesa da flora e fauna da região Norte. Se aproximando bastante do enredo mostrado nas apresentações de boi bumbá, os cordões de pássaros e bichos, sempre representados por uma ave ou um bicho, desenvolve seus cortejos abordando temas que envolvem a caçada, morte e ressurreição do animal. Estabelecido, principalmente em semicírculos, o grupo canta e dança ao som de tambores e outros instrumentos musicais.

Edison Carneiro, ao qualificar os espetáculos exibidos por esses grupos de “teatro dramático-burlesco popular”, ressalta que essas exibições são compostas a partir de uma perspectiva singular, na qual é possível observar “uma estranha mistura de novela de rádio, burleta e teatro de revista, a qual não falta cor local”, na qual se pode identificar “fidalgos vestidos à moda do século XVI ou XVII”, em diálogo com os costumes jocosos dos “matutos” amazônicos. Os “atores”, tendo em vista alcançar

os aplausos ou risos da plateia, modificam a língua portuguesa dentro das representações teatrais do gênero (CARNEIRO, 1982, p. 158).

Essas apresentações culturais, segundo Sidney Piñon, são elementos importantíssimos da cultura amazônica, onde, de acordo com seus “dono” e “brincantes”, não pode ser encontrado em nenhuma localidade fora do Estado do Pará. Esse autor aponta que, na capital paraense, esses grupos estão distribuídos por seus respectivos bairros e distritos, “realizando concretamente as ‘brincadeiras’”, tendo elas um sentido social de grande importância para aqueles que as vivenciam (PIÑON, 1980).

Em Belém do Pará, durante os anos de 1950, os grupos conhecidos como boi bumbá e cordões de pássaros e bichos apresentavam-se em diversos ambiente de lazer e sociabilidade espalhados pela cidade como, por exemplo, as praças, clubes, terreiros de ruas, bosques e escolas, buscando, sempre, alcançar grande êxito em cada apresentação, “fazendo do espetáculo uma representação pomposa, cheio de luxo e requinte com intuito de mostrar o valor do “brinquedo” aos concorrentes e aos espectadores” (DIAS JR., 2010, p. 83).

A imprensa paraense desse período era um dos meios pelos quais parcela significativa da cidade tinha acesso a informações sobre as exhibições dos “grupos joaninos”, que ocorreriam na cidade, ao longo da “encantadora quadra joanina”. Essas exhibições, quase sempre, estavam relacionadas aos projetos culturais e políticos desenvolvidos pela Comissão Paraense de Folclore, com objetivo de promover a expansão desses espetáculos para além do subúrbio belenense, ou seja, em direção ao centro da capital paraense, como foi exposto pela imprensa local nos anos de 1950.

No mês das fogueiras, dos fogos e dos balões; de Antônio, João, Pedro e Marçal, existe também os “grupos” que nos palcos exibem com graça e encantamento a sua peça, a qual é desempenhada com grande entusiasmo e realidade por parte de todos os que a executam (O LIBERAL, 28/06/1952, p. 2).

EXIBIÇÕES DE GRUPOS NAS PRAÇAS PÚBLICAS

Como foi divulgado, êste ano os grupos joaninos visitarão nossas praças públicas, exibindo-se gratuitamente ao povo. Deve-se essa inovação à Comissão de Folclore organizada pelo sr. Lopo Alvares de Castro, prefeito municipal de Belém, que decidiu organizar festejos nas praças atendendo ao apêlo de numerosas famílias que se viam impedidas de comparecer ao teatrinho dos bumbás, por motivos diversos. Assim, diversos grupos e cordões de bumbá visitarão as praças Batista Campos, Justo Chermont, República e Brasil, exibindo-se ao público (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 12/06/1951, p. 8).

Exibição de grupos juninos no Variedades

O programa – Quatro “passaros” serão apresentados.

Prossegue despertando grande interesse no público de Belém, as demonstrações que serão levadas a efeito pelos conjuntos juninos, no Teatro Variedades. Diversos grupos se apresentarão naquele local, destacando-se as exhibições que serão feitas pelos grupos Rouxinol, no dia 22, Tem-Tem no dia 24, Quati, no dia 26 e novamente Tem-Tem no dia 28, que encerrará as demonstrações oficiais da quadra (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 12/06/1955, p. 3).

Continua despertando interesse o grande concurso de grupos juninos, que a exemplo dos anos anteriores, promoverá nesse ano a Comuna Belemense na orientação do seu Departamento de Divulgação, Turismo e Certames, no dia 28 e 29 do corrente, no Bosque Rodrigues Alves, às 8,30 horas, com a finalidade de incentivar os conjuntos juninos que se exibem em nossa capital (O ESTADO DO PARÁ, 11/06/1959, p. 4).

Frente ao que foi apresentado, percebe-se que os festejos juninos, nessa parcela da Amazônia, ganharam um caráter “oficial”, ligado ao discurso político vigente, tendo em vista a garantia de vantagem política ante sua produção. Percebe-se, por tanto, um discurso de preservação da cultura regional e da importância dela para a população local, tendo, nesse sentido, um forte entrelaçamento da política com as questões socioculturais à época. Além disso, as “antigas tradições” modificaram-se e foram “substituídas” por novos padrões socioculturais, por vezes funcionando como impulsos para uma intensa relação de interesses políticos.

Durante sua estada em Belém do Pará, na década de 1950, Edison Carneiro (1956) acompanhou, intensamente, alguns grupos juninos muito populares na cidade, como, por exemplo, o “Quati”, o “Tem-tem”, o “Periquito” e o “Rouxinou”, em diversas competições organizadas pela Comissão Paraense de Folclore e patrocinadas pela Prefeitura de Belém. Nessas ocasiões, o pesquisador observou que os espaços de exhibições desses grupos eram diversos (cinemas, teatros, circos, parques cedidos pela prefeitura, ruas e clubes) e estavam espalhados por vários bairros da capital paraense.

Essas apresentações em concursos, realizados mediante o patrocínio da prefeitura, acentuava ainda mais a autoridade política sobre os “brinquedos juninos” concorrentes, onde se fortificava um discurso político de valorização, preservação e conscientização para toda sociedade belenense. Com isso, por tanto, incide uma forte manipulação dos grupos, “desarticulando-os na medida em que se institucionalizam, por meio de concursos, as rivalidades que os opõem” (MOURA, 1997, p. 44).

Esses grupos eram considerados como o “teatro menos compreendido, mais criticado, em todas as épocas, sob todos os ângulos” (SALLES, 1994, p.301), quem sabe pelo fato desses terem sido,

em um primeiro momento, compostos pela “*ralé*” da sociedade local do início do século XX. Desde o início do século passado, os autos populares vinculados, principalmente, aos bois-bumbás e aos cordões de pássaros e bichos, foram ressignificados e alcançaram outros ambientes de lazer no meio urbano belenense, sendo o “erudito” um deles. Sobre isso, Vicente Salles observa que:

Aconteceu em Belém essa coisa inaudita: a eruditização do folguedo popular. Escritores e artistas desempregados e sem poder aplicar seus conhecimentos acadêmicos, muitas vezes adquiridos nos estabelecimentos europeus, passaram a atuar indiferentemente num e noutro nível. Com o povo e com as chamadas *élites*. A exigência do trabalho que era da própria sobrevivência, diversificou ou multiplicou o emergente *teatro de época*. As épocas mais propícias, inicialmente, eram o Natal e o São João dividindo a temporada em duas partes iguais de tempo. Depois, no primeiro semestre, encontraram esses trabalhadores as épocas do Carnaval e da Quaresma; e no segundo semestre, a época mais propícia de todas, a mais quente e de maior repercussão, a festa do Círio de N. S^a de Nazaré, em outubro, onde se gerou o chamado teatro nazareno. (SALLES, 1994, p. 301).

Esses espetáculos, associados às festas populares de Belém do Pará, despertaram interesses de grande parte dos grupos sociais que formavam a sociedade belenense. Os da “*ralé*”, diante da conquista de espaços na cidade, conseguiram garantir a sobrevivência de seus espetáculos, aceitando, alguns a princípio resistindo, toda sua ressignificação. Nesse sentido, observa-se a ascensão dos folguedos populares aos palcos da cidade, associada aos momentos de prazer social das elites e dos habitantes do subúrbio belenense, participando das encenações autores e atores que passaram a seduzir e encantar os de mais “finos espíritos”.

Edison Carneiro, durante sua visita a capital paraense em 1954, considerou o espetáculo dos cordões de pássaros e bichos e dos bumbás como os autos mais representativos da região Norte, por onde essas encenações populares, segundo esse autor, visavam cumprir funções importantíssimas voltadas, principalmente, à manutenção e preservação dessa região, “os primeiros na defesa da flora e da fauna, os últimos na conservação de uma atitude favorável à instalação e ao desenvolvimento da pecuária” (CARNEIRO, 1956, p. 98).

De procedência rural, o boi bumbá alcança espaço na cidade, principalmente no subúrbio da capital paraense, e ali se amplia junto à difusão da prática da capoeiragem, que se encontrou atrelada, por muito tempo, à ociosidade. Com o tempo, intensificou-se a atenção policial nessas paragens afastadas do centro da capital, onde a prática da capoeira, em conexão ao espetáculo do boi bumbá, era intensa.

Os grupos caprichavam nas apresentações em luxo, música, entredo dramático e representação, em busca do favoritismo do público. Quando dois deles se cruzavam nas ruas, seguidos por seus admiradores, que atendiam pela pitoresca designação de *embirricas* (grifo do autor), lançavam mutuamente desafios inamistosos, que terminavam em engalinhamentos, luta, pancadaria e algumas vezes ocasionavam mortes. Em Belém ficaram famosas as brigas entre os bumbás Pai do Campo, Estrela d'Alva, Dois de Ouro, Treme-Terra e Boi Canário, atiçadas pelos embirricas. O Treme-Treme era temido entre os demais pela agressividade de seus brincantes, cujo máximo prazer era "*furar*" (grifo do autor) o boi na barriga, isto é, esfaquear o pobre *tripa* (grifo do autor) que dançava sob a armação de lona e veludo. A polícia foi obrigada a intervir e a princípio proibiu o porte de armas, passando os brincantes em revistas. A medida não surtiu efeito, pois na hora do entrevero os brincantes pegavam as armas que estavam escondidas com as mulheres acompanhantes do cortejo (MOURA, 1997, p. 63).

Luiz Augusto Pinheiro Leal acentua que, até pelo menos o ano de 1905, era infalível a presença de capoeiras na composição dos grupos de bumbás da capital paraense. Os capoeiras, segundo esse autor, tinham espaços significativos nos bumbás da cidade, pois eram vistos como "seguranças" dos restantes dos brincantes, tomando, na maioria das vezes, a frente do cortejo do boi, resguardando, muita das vezes, os menos ágeis e menos valentes "frente ao "ritual" de confronto entre bois rivais" (LEAL, 2008, p. 152), pois nos encontros dos bois, "os menos valentes e menos hábeis se davam mal. Por isso, o conhecimento da capoeiragem era imprescindível" (LEAL, 2008, p. 179).

Quando a apresentação era realizada fora do curral, todos os integrantes do boi seguiam, devidamente fantasiados, pelas ruas da cidade. Até aqui tudo bem. Acontece que quando dois grupos de bumbás se encontravam (geralmente oriundos de bairros diferentes) era inevitável a demonstração de força entre eles. Havia, inclusive, um breve ritual em que o boi "invasor" pedia licença para passar. Era praxe a negação da permissão e o desafio ao rival. Após os cantos de desafio pertinentes a cada lado, um conflito físico intenso ocorria entre os respectivos integrantes de cada boi. Era comum, após um destes encontros, que ficassem espalhados pela rua os paramentos das fantasias danificadas (LEAL, 2008, p. 178-179).

As brigas ocorridas durante os cortejos dos bois na cidade possuem forte relação com o estereótipo atrelado ao capoeira como aquele que era "vagabundo que "bebia cachaça pelos botequins" e "distribuía o tempo entre o ócio lúcido e o ócio embriagado" (PALHANO, 1943, p. 58-59).

O controle policial se deu de forma intensa. Diante disso, os bumbás, passaram a se apresentar, sobre forte controle da polícia, em *currais*, erguidos, quase sempre, em espaços associados aos "donos" dos bois e que, por vezes, serviam de sedes para o folguedo. Nesse sentido, os *currais* "adquiriram o *status* de palco das apresentações, um verdadeiro "teatro popular" que atraía os "inflamados torcedores" das agremiações" (DIAS JR., 2009, p. 99). Por volta da segunda metade do século XX,

esses “brinquedos juninos” passaram a receber mais destaques nas festas juninas organizadas no centro da capital paraense, não se ausentando, claro, daquelas paragens suburbanas da cidade.

A presença desses grupos juninos também era frequente em alguns clubes esportivos, associações profissionais e beneficentes da cidade de Belém do Pará, principalmente aqueles do subúrbio, como, por exemplo, o Imperial Esporte Clube, também conhecido como "Leão Jurunense", onde, entre os dias 26 e 30 de junho de 1951, vários cordões foram exibidos em um “palco montado na sede”, o anúncio, enfatizando a teatralidade do evento, apresentava os espetáculos divididos em dois turnos (matinal e noturno) tendo em vista a apreciação dos “brinquedos” por aqueles de faixas etárias diferentes.

GRUPOS JOANINOS NO IMPERIAL

O Imperial continua brindando os seus numerosos freqüentadores com as exibições dos melhores grupos da tradicional quadra joanina, em seu palco armado na sede social. Dêsse modo, está organizado o seguinte programa de representações. Hoje, às 20 horas, “Periquito” e nos dias 27, 28, 29 e 30, às mesmas horas, “Caboclonino”, “Rouxinol”, “Periquito”, e “Papagaio Real”, respectivamente, e às 22 horas do mesmo dia o grupo do “Coati”, Dia 1. em matinée, voltará à se exibir o “Caboclonino” (O LIBERAL, 26/06/1951, p. 4).

Ao lado dos concursos e apresentações de espetáculos de bois, pássaros e bichos, em eventos realizados por particulares ou pela prefeitura, poderiam ser vistas, nos anos 1950, as festas juninas de rua, organizadas, sobretudo, em vias públicas. A prévia da programação junina de Belém, exposta na edição de A Província do Pará de 24/06/1956, destacava os preparativos de quatro “terreiros juninos” em ruas de diferentes bairros da cidade. Os terreiros foram retratados, no jornal, com os seguintes títulos: “Terreiro do Zé Honório”, “Terreiro do Mané”, “Noite do Aluí” e “São João na Roça”.

Uma das mais significativas festas juninas realizadas na capital paraense, que se reproduziu durante todos os anos da década de 1950, e que tinha evidência nas páginas dos periódicos da cidade, era a “Festa do Pai Xandico”, preparada pelos dirigentes do Sete de Setembro Esporte Clube. Essa festa, ocorrida algumas vezes em clubes locados ou cedidos aos organizadores ou em rua, avenidas ou terrenos amplos e sem coberta, eram divulgadas nos jornais como a “elegantíssima festa”, a qual era composta de uma ornamentação toda especial para aquela noitada de encantamentos, onde uma grande fogueira simbólica seria armada no terreiro, dando um aspecto rústico ao local onde essa estava sendo realizada.

Além disso, o convite da “Festa do Pai Xandico” também propõe uma amostra do dialeto do homem caboclo amazônico e de suas experiências culturais – o falar interiorano, o compadrio de fogueira e as comidas típicas –, assim como a presença de instrumentos musicais característicos da região nordestina, como, por exemplo, a sanfona, busca uma aproximação com as festas juninas do interior.

FESTA DO PAI XANDICO

Atenção pessoa

o que São João diz

é o que São Pedro vai aconfirmá

que no dia 16 tudu mundo vai

no arraiá do PAI XANDICO dança

Convidamos a muçarada dessa bua terra, pra dia 16 do mês que nois tamos às 9 hora da nuiti istá firmi no arraiá do PAI XANDICO pra si diverti inté a madrugada chigá praquê o cumpadri MAÇANETA vai tucá sua sanfuna pra nois tudu dança. A fuguêra no meiu prus cumpadri passá intá pruta pra muito amô ajudá. Também a cumadri FINOCA vai pra lá servi mungusá e o bom tacacá (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 12/06/1951, p. 8).

Estudos realizados pela antropóloga Luciana Chianca (2007) sugerem que o homem do campo, com seus modos e trejeitos, ocupava o centro das atenções nas festas juninas, o que, ao longo do tempo, se tornara estereotipada aos olhos do homem urbano, seguindo uma tradição que vem desde o Jeca Tatu de Monteiro Lobato, esboçado no livro *Urupês* (1918) e consolidada na propaganda do Biotônico Fontoura.

Outro personagem, criado no século XX, e que, ao lado do personagem Jeca Tatu, consolidou ainda mais a figura do caipira como elemento central das festas juninas, foi Chico Bento, idealizado por Mauricio de Souza em 1961. Pensando nisso, se fortificou o estereótipo do homem rural nas festas realizadas nas cidades, pois eram considerados “mais puros” que os homens da capital, os quais representavam a nostalgia e a idealização do passado dos imigrantes que hoje vivem nas cidades.

Edison Carneiro (1982) observa, assim como as fontes consultadas, o estereótipo do indivíduo do campo como algo passageiro durante o período de festa, sendo esse abandonado logo após a quadra festiva, quando tudo voltava à “normalidade”.

Considerando os discursos na imprensa local, percebe-se que os participantes das festas juninas procuraram viver, ainda que por pouco tempo, o modo de vida idealizado do homem no campo. Muitas vezes, influenciados por migrantes nordestinos que vieram para a região amazônica, esses

indivíduos buscaram reelaborar uma identidade sertaneja na cidade e, ao mesmo tempo, rememorar a época em que viveram no interior.

De acordo com o Antropólogo e Folclorista Vicente Salles, que escreveu a apresentação do cordel *A Festa de São João no Pará e Inimigos do Corpo*, de autoria de Apolinário de Souza (1997), essas características do homem rural nas festas juninas do Pará estão mais próximas da realidade do homem do interior nordestino do que da Amazônia. Isso, talvez, se explique por conta do contato entre intelectuais paraenses com as obras de escritores nordestinos, reconhecidos pela grande produção de livretos de cordel que passaram a circular nas cidades paraenses, e também graças ao contato com os próprios migrantes nordestinos que, devido à seca que assolou parte daquela região, veio para o Norte em busca de uma vida melhor. Quem sabe estas sejam algumas das razões pelas quais há uma forte presença de símbolos rurais nas festas juninas de Belém, que se verificam, sobretudo, nas festas juninas do Nordeste.

Vicente Salles (1985a) na obra “Repente & Cordel: literatura popular em versos na Amazônia” lembra que, desde pelo menos o final do século XIX, com a presença dos nordestinos na região amazônica, principalmente cearenses, tornou-se significativa a circulação da “poesia sertaneja” e dos “folhetos de cordéis” nessas paragens. Nesse primeiro instante, como indica Vicente Salles, os folhetos de cordéis estavam atrelados ainda à realidade sociocultural do povo do Nordeste brasileiro, no entanto, em um segundo momento, mais precisamente na primeira década do século passado, com a publicação do livro “Cancioneiro do Norte”, de Rodrigues de Carvalho, a Amazônia ganhou espaço entre os escritos desses nordestinos. De acordo com Vicente Salles:

É necessário porém chamar a atenção para o fato de a extraordinária difusão da literatura popular em verso, oriunda do Nordeste, haver adquirido na Amazônia não só um mercado consumidor em potencial, mas haver possibilitado o surgimento de poetas locais, que cultivaram o gênero com relativa facilidade e tiveram oportunidade de difundir-se como o desenvolvimento, também na Amazônia, de editoras especializadas (SALLES, 1985a, p. 20).

Uma das editoras especializadas na elaboração de livretos de cordéis, no século passado, localizava-se no estado do Pará: a Guajarina. Tal editora, presente na capital paraense e fundada pelo pernambucano Francisco Rodrigues Lopes, segundo Vicente Salles, ampliou, nesse estado, a atividade editorial, atraindo para o Pará numerosos poetas nordestinos.

Em suas oficinas, manipulava tipos e caixotins o operário gráfico Thadeu de Serpa Martins, natural do Ceará, que se revelaria, em Belém, excelente cordelista. Seria, mais

tarde, o representante da Guajarina em Fortaleza. A editora paraense publicou-lhe mais de uma dezena de folhetos. O fluxo de cordelistas e cantadores nordestinos para a Amazônia tornou significativa a presença do Nordeste no Folclore Regional. Resultou, como não podia deixar de acontecer, na incorporação dos estilos e tendências da poesia sertaneja ao folclore amazônico (SALLES, 1985a, p. 102-103).

Frente a isso, o contato entre a cultura nordestina e a nortista resultou, como pode ser observada nas citações acima, em híbridas produções, tendo, em grande medida, a produção dos nordestinos sido incorporada a do homem amazônico. O convite à festa do “Pai Xandico” indica, diante de sua breve apresentação, certa e interessante alusão às práticas nordestinas e amazônicas associadas ao que era visto como caracteristicamente junino. O dialeto do interiorano é usado para mostrar a especificidade do arraial junino, que contaria com a presença de uma importante Jazz-Orquestra da cidade. O destaque para a “sanfuna do cumpadri Maçaneta” revela a associação da festa com ritmos nordestinos como o baião, o xote e o nascente forró. Este último, de acordo com Luciana Chianca (2006, p. 67), assumiu função de “música-tipo” (com seu “instrumento-tipo”: a sanfona) dos festejos juninos nordestinos desde fins dos anos 1940, especialmente no meio urbano.

Diante das apresentações a cerca dos grupos juninos conhecidos como Boi bumbás e cordões de pássaros e bichos como uma das formas de animação dos festejos juninos na capital paraense, durante os anos de 1950, cabe agora observar outros meios importantes para o desenvolvimento desse momento festivo: a presença marcante dos conjuntos musicais e dos sonoros.

Nesse período, em Belém, era comum a intensa difusão, por meio das rádios e também pelos grupos musicais e pelos sonoros, de ritmos como boleros, salsas, congos, merengues, mambos e cúmbias na cidade, sendo apreciados como elementos peculiares nos bailes promovidos nos espaços dançantes da capital. No entanto, foi desde pelo menos as primeiras décadas do século passado que esses ritmos latinos, ao lado do samba, começaram a fazer parte do dia a dia do povo paraense, pois os programas das estações estrangeiras estavam fortemente associados aos programas de rádio local do período. Isto acontece exatamente na época em que, após o processo de redemocratização resultante da derrubada do Estado Novo, assiste-se a uma promoção dos meios de comunicação de massa no país e, principalmente, à forte presença do rádio como um meio informativo e de entretenimento, associado à indústria cultural nacional.

Tocava-se nas festas outros ritmos de procedência diversa como rancheiras, quadrilhas, mazurcas e *schottisches* (o abrazeirado “xote”), boleros, além dos ritmos caribenhos (cumbias, salsas, mambos, merengues, etc.), muito presentes nas festas juninas da cidade. Em meados do século XX, a recepção local de emissoras de rádio de Cuba, das Guianas e da Nicarágua se somava à divulgação deste repertório musical nos programas de rádios paraenses. Isso explica sua presença nas festas dos clubes suburbanos e aristocráticos (COSTA; GOMES, 2011, p. 201).

Os anos de 1950 foi o período em que houve o crescimento do número e diversificação dos meios de comunicação no Brasil, dando destaque para o rádio, sendo o responsável pelas inovações de estilos – fama e ascensão social – e práticas cotidianas no âmbito urbano. Nesse sentido, Antonio Maurício Costa e Edimara Bianca Vieira apontam que o processo de expansão do modo de vida urbano, presentes nas grandes cidades do país, em meados do século passado, esteve associada e conectada, em grande medida, às emissões radialísticas, através dos programas jornalísticos, esportivos, rádionovelas, humorísticos, bem como nos repertórios musicais transmitidos por esse meio de comunicação, onde “este último ocupava a função, naquele contexto, tanto de pano de fundo geral como de atração principal das programações” (COSTA; VIEIRA, 2011, p. 112).

Nesse sentido, Tony Leão da Costa (2013, p. 178) assinala que tanto os programas radiofônicos como a difusão dos discos em Belém tiveram grande influência na construção dos gostos musicais da população local. Para esse autor, os artistas paraenses, associados quase sempre às orquestras jazzistas, em vários momentos, “imitavam” os estilos musicais provenientes da região Sudeste e até mesmo aqueles de fora do país.

Os grupos musicais conhecidos como Jazz Orquestras eram conjuntos que embalavam as noites dançantes, principalmente dos clubes que se encontravam espalhados ao longo da cidade de Belém do Pará. Esses grupos correspondiam mais a uma formação de músicos não eruditos que tocavam os mais variados ritmos musicais, sendo eles estrangeiros e brasileiros como, por exemplo, tangos, marchas, choros e sambas. Apesar de proporcionar a ideia de uma formação e especialização musical de origem norte-americana, esses conjuntos estavam mais próximos do contexto musical da região amazônica (COSTA, 2012).

Para Vicente Salles (1985b), os anos de 1920 foi o momento em que ocorreu a difusão de instrumentos musicais como cavaquinho, a flauta e o banjo entre as formações dos pequenos conjuntos musicais em Belém. Esses grupos foram responsáveis pelo desenvolvimento da música urbana na

cidade, pois reproduziam os ritmos que ficaram popularizados nas rádios nacionais e internacionais, além daqueles que tiveram grande notoriedade nos cinemas americanos.

No entanto, é somente a partir dos do final dos anos de 1930 que esses grupos musicais conhecidos como “Jazzísticos” ou “conjuntos de boate”, como eram apresentados na imprensa da segunda metade do século XX, terá uma intensa popularização. Nos anos de 1950, percebe-se, através dos documentos consultados, a presença constante desses grupos musicais nos espaços dançantes da cidade, estando eles situados no subúrbio ou no centro da mesma.

As Jazz Orquestras, como observa Antônio Maurício Costa (2012, p. 7), dependendo dos espaços festivos, obtinham “uma fama acentuada pelo sucesso das apresentações”, principalmente nos ambientes “aristocráticos” da cidade, tendo espaços reservados nos principais eventos organizados pelos diretores e administradores dos recintos. A maioria dessas orquestras se fazia presente nos festejos juninos de clubes aristocráticos, embora se apresentassem num ou noutro clube suburbano no período junino, como foi apresentado no anúncio intitulado de *São João nos clubes* no jornal O Liberal de 18/06/1953.

São João nos Clubes

Os clubes desportivos e recreativos da cidade estão se movimentando na presente e festiva quadra junina para recepcionarem seus associados com alegres noites típicas.

As festas programadas são as seguintes:

RECREATIVA BANCREVEVA

Festa da roça véspera de S. Pedro

Nos salões amplos do Pálace Teatre, vão os bancreveanos recepcionar seus associados e famílias com alegre noitada na véspera de São Pedro. A música será a orquestra de Maçaneta, dirigida pelo maestro Guiães de Barros que apresentará ainda um conjunto regional.

A reserva de mesas pode ser feita à diretoria bancreveana.

ICOARACI R. CLUBE

Festa do Balão

Também no próximo sábado o Icoarací Recreativo Clube simpatizada agremiação desportiva da Vila de Icoarací, vai promover sua festa caipira a qual denominou de a Festa do Balão, a qual será abrilhantada pelo “choro” do professor Antonio Rocha .

DELTA CLUBE

São João no Sítio

O Delta vai sábado próximo realizar em sua sede social à av. Nazaré, transformando em autêntico terreiro do interior, uma alegre noitada caipira que está despertando desusado interesse entre os deltanos. A música será do professor Candoca (O LIBERAL, 18/06/1953)

Como garantia de comodidade aos sócios de clubes cujas sedes ficavam mais distantes do centro havia inclusive o oferecimento de ônibus especiais saindo do Olímpia – principal cinema da cidade, localizado na região central, de grande importância nos momentos de lazer dos moradores de Belém – às primeiras horas da noite, como noticiou *A Província do Pará* em 28/06/1955.

Entre os conjuntos mais divulgados nos jornais de Belém do início dos anos 1950 estavam: Grupo de Jazz Orquestra *Batutas do Ritmo*, que tinha no seu comando a pessoa de Sarito; Grupo de Jazz Orquestra *Martelo de Ouro*, liderado por Vinícios; *Jazz Internacional*, coordenado pelo Professor Candoca, também conhecido como o “Mago da Viola”; *Jazz Vitória*, liderado por Raul Silva; Jazz Orquestra *Maçaneta*, comandada por Guiães de Barros; e *Jazz Marajoara*, tendo à frente o maestro Oliveira da Paz.

Como foi afirmado anteriormente, as festas juninas em Belém do Pará, nos anos de 1950, também eram animadas por aparelhos sonoros apresentados pela imprensa como “picarpes” (do inglês “pick-up”). Esses sonoros, assim como os grupos de Jazz Orquestras, também tinham fama em alguns espaços dançantes da cidade.

Diferente dos conjuntos musicais que tinham destaques nas festas realizadas nos clubes “chiques” da capital, as “picarpes” tinham presenças acentuadas, tanto nos festejos juninos como em outros festejos populares, em clubes suburbanos ou em terreiros juninos localizados em áreas afastadas do centro. É importante deixar claro que a presença desses aparelhos sonoros, durante as festas juninas, não se limitavam apenas aos espaços localizados no subúrbio de Belém, embora sua presença fosse constante nesses ambientes, como foi anunciado no jornal *O Liberal* de junho de 1953.

“SANTO ANTONIO NA ROÇA”

Realiza-se hoje à noite, uma festa dançante na sede do Clube Atlético Relampago, “Santo Antonio na Roça”, à travessa Caldeira Castelo Branco, n.º. 1122, canto com a rua Silva Castro (bairro do Guamã), ao som do afamado “Sonoro Barnabé”, de propriedade de D. Corrêa e irmão (*O LIBERAL*, 12/06/1953, p. 4).

Outros sonoros também se fizeram presentes em um terreiro juninos organizado pelos moradores da Avenida Alcindo Cacela, entre Boaventura da Silva e Antonio Barreto, no bairro do Umarizal em junho de 1951. De acordo com a notícia do jornal *Folha Vespertina*, a festa estava sendo minuciosamente organizada por uma comissão organizadora que buscava agradar a todos os brincantes, tendo a festa o serviço de dois alto-falantes que tocariam “musicas de danças, para gáudio

da mocidade”, além de distribuição gratuita de comidas e bebidas próprias da época, como o aluá e o munguzá (FOLHA VESPERTINA, 05/06/1951, p. 2).

Essas “picarpes” e sonoros, sinônimos do sistema de som capaz de se deslocar para diversos espaços de festas, desde os finais dos anos 1940, vinham se tornando marcas registradas nas festas dançantes do subúrbio de Belém. Esse sistema de som era montado de forma artesanal por pessoas com conhecimento de eletrônica, no qual encontrava-se um amplificador de metal e válvula, uma caixa de som pequena, projetor sonoro, conhecido como “boca – de – ferro” e um toca disco de 78 rotações (*a pick – up*).

Esses aparelhos de som, de proprietários oriundos principalmente do subúrbio da cidade, em um primeiro momento, estiveram associados principalmente a eventos de aniversário, casamentos ou festas de vizinhança. A partir da sua popularização, ampliou-se as contratações para outros eventos festivos, em especial os bailes dançantes realizados nos clubes da cidade, principalmente naqueles situados na periferia da mesma.

Talvez, o fato dos donos dos sonoros serem provenientes do subúrbio, assim como os locutores titulares desses aparelhos, explique a forte presença deles nos clubes e nos espaços dançantes localizados em bairros afastados do centro da capital paraense. Como observa Antonio Maurício Costa, esses sonoros tiveram uma importância grandiosa entre a ocorrência das festas em Belém, tendo em vista “não assumir uma posição complementar ao rádio, mas sim ocupar um espaço particular como meio de comunicação ligado a ocorrência de eventos festivos” (COSTA, 2012, p. 6).

Conclusão.

Constata-se que na capital paraense de meados do século XX poderia ser percebida, no que tange às questões relacionadas às práticas festivas, sobretudo as juninas, uma dinâmica que, de algum modo, envolvia parcela significativa da cidade (do centro ou do subúrbio). Nesse dinamismo, frente às documentações consultadas, percebe-se a presença constante de grupos juninos (Cordões de pássaros, de bichos e Boi bumbá), bem como das picarpes/sonoros e jazzes orquestras, compondo as opções de divertimentos daqueles que, cedo ou tarde, buscavam aproveitar o circuito festivo belenense.

De currais organizados em ruas dos subúrbios, aos palcos de teatros, praças e clubes, no centro da cidade, esses brinquedos juninos pareciam reinventar a ideia de “tradição junina” no meio urbano,

onde esses grupos tenderam, a partir de então, a tornar-se importantíssimo tanto nos arraiais públicos, quanto das festas exclusivistas dos clubes sociais. Nos “clubes aristocráticos”, com sua decoração bem cuidada, com orientação aos participantes para o uso de “trajes típicos”, poderia ser percebida a constante presença de jazzes orquestras, com seu repertório musical diversificado, embalando, principalmente o ponto alto das festas “elegantes” de Belém. Por outro lado, os festejos juninos do subúrbio estiveram, nos anúncios ou crônicas da imprensa, sempre associados ao sentido de festa popular, quer de forma positiva ou negativa. Muitos desses grupos, antes percebidos de forma negativa por parte da sociedade local, surgiram nessas áreas de margem e, aos poucos, alcançaram espaços nunca antes imaginados por aqueles sujeitos.

Os destaques que essas animações juninas adquirem nas composições festivas, em Belém do Pará, justificam os espaços que passam a ocupar nas páginas de jornais que circulavam no estado, ganhando, dessa forma, visibilidade e, conseqüentemente, os “palcos” de ambientes públicos ou privados espalhados ao longo desta *urbe*. Algumas programações juninas, ocorridas em praças públicas ou não, podiam contar com o serviço de sonorização, sobretudo públicas (alto-falantes comerciais). Por seu turno, algumas sedes de instituições privadas contavam com seu próprio serviço de sonorização para a vibração de seus eventos. Tanto nas ruas, nas praças, como nas sedes de grêmios, a presença de sonoros, grupos juninos e jazzes orquestras assinalavam a particularização dos espaços da cidade tornando-os, portanto, âmbitos para espetáculos musicais e artísticos frente às apresentações daquelas animações juninas.

Esses momentos de diversões, bem como os elementos que compõem as experiências em torno das festas juninas, de Belém do Pará, nos anos de 1950, apresentados aos consumidores daqueles periódicos, por meio da ótica de jornalistas, cronistas e intelectuais que produziam versões textuais sobre essas práticas, permitiam conhecer uma dimensão do cotidiano das expressões populares da cidade, ainda pouco investigada pela historiografia local. Nesse sentido, para além das questões econômicas e políticas, atentar para as relações de sociabilidades, vinculadas também às práticas de lazer na cidade, entorno dos grupos juninos, dos sonoros e das jazzes orquestras, possibilita compreender parte da história de grupos, bem como suas ações culturais no meio urbano, que, por muitos tempo, encontravam-se à margem das narrativas, sobretudo acadêmicas.

Fontes

- A PROVÍNCIA DO PARÁ**, 02/06/1951, p. 5.
A PROVÍNCIA DO PARÁ, 12/06/1951, p. 8.
A PROVÍNCIA DO PARÁ, 12/06/1955, p. 3.
A PROVÍNCIA DO PARÁ, 28/06/1955, p. 5.
A PROVÍNCIA DO PARÁ, 13/06/1957, p. 6.
A PROVÍNCIA DO PARÁ, 24/06/1958, p. 5.
FOLHA VESPERTINA, 05/06/1951, p. 2.
O ESTADO DO PARÁ, 11/06/1959, p. 4.
O LIBERAL, 26/06/1951, p. 4.
O LIBERAL, 28/06/1952, p. 2.
O LIBERAL, 12/06/1953, p. 4.
O LIBERAL, 18/06/1953, p. 4.

Referências Bibliográficas

- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.
- BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CARNEIRO, Edison. **A conquista da Amazônia**. [Rio de Janeiro]: Ministério da Viação e Obras Públicas, Serviço de Documentação. 1956. (Coleção Mauá).
- CARNEIRO, Edison. **Folguedos Tradicionais**. 2. Ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, 1982.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.
- CHIANCA, Luciana. **A Festa do Interior: são João, migração e nostalgia em Natal no século XX**. Natal, RN: EDUFRN, 2006.
- CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista Antropológicas**, ano 11, v. 18, n. 2, 2007.
- COSTA, Antonio Maurício Dias da. **Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará**. Belém: EDUEPA, 2009.
- COSTA, Antonio Maurício; GOMES, Elielton. A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém nos anos de 1950: “tradição interiorana” e espaço urbano. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v.24, n.1, jan./jun. 2011.

- COSTA, Antonio Maurício Dias da; VIEIRA, Edimara Bianca Corrêa. Na Periferia do Sucesso: rádio e música popular de massa em Belém nas décadas de 1940 e 1950, **Projeto História**, nº 43. 2011.
- COSTA, Antonio Maurício Dias da. Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos 1950. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 32, nº 63. 2012.
- COSTA, Tony Leão da. **“Música de subúrbio”**: cultura popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói: Rio de Janeiro. 2013.
- DIAS JR, José do Espírito Santo. **Cultura Popular no Guamá**: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- DIAS JR. José do Espírito Santo. Boi Bumbá em Belém, uma expressão urbana e popular. **Revista Estudos Amazônicos**. vol. V, nº 2, 2010.
- FREDERICO, Enid Yatsuda. “O caipira e os outros” In: BOSI, Alfredo (org.). **Cultura brasileira – Temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987.
- LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **A política da capoeiragem**: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano. (1888-1906). Salvador: EDUFBA, 2008.
- MESQUITA, Lindolfo (Zé Vicente). **Historias do meu subúrbio**: crônicas humorísticas. Ofs. graf. da Revista da Veterinária. Belém – Pará. 1941.
- MOURA, Carlos Eugênio. **O Teatro que o Povo Cria**: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará. Da dramaturgia ao espetáculo. Belém: Secult, 1997.
- NAPOLITANO, Marcos. **Cultura brasileira**: utopia e massificação (1950-1980). 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PALHANO, Lauro, (pseud. de Inocêncio Campos), **O Gororoba**: cenas da vida proletária, 2ª ed., Rio de Janeiro, Pongetti, 1943.
- PIÑON, Sidney. O desencanto de uma Mira-Puraquête... Dominantes/dominados: a luta entre o “bem” e o “mal”?. **Caderno do Centro de Filosofia e Ciências Humanas**. Belém: Pará, n.16. 1980.
- RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do Bairro do Jurunas**: sociabilidade e construção de identidade em espaço urbano. Belém: NAEA, 2008.
- SALLES, Vicente. **Repente & Cordel**: literatura popular em versos na Amazônia. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985a.
- SALLES, Vicente. **Sociedades de Euterpes**: as bandas de música no Grão-Pará. Brasília: Edição do Autor, 1985b.
- SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará ou Apresentação do teatro de época**. Belém: UFPA, 1994. v. 2.
- SOUZA, Apolinário. **Festa de São João e Inimigos do Corpo**. Belém: UFPA, 1997.